

Pnld/2012: confrontos entre a avaliação do guia do livro didático e a escolha do mesmo pelos professores de história

Ana Gabriela da Silva Vieira  
Graduando em História (Ufpel)

Heloisa Pereira Miranda  
Graduando em História (Ufpel)

Jéferson Barbosa Costa  
Graduando em História (Ufpel)

Resumo: Parece ser consenso, entre os teóricos da área – Bittencourt (2011); Corrêa (2000); Cassiano (2005), etc. –, que atualmente o livro didático merece ser pensado de modo a considerar os aspectos mercadológicos que envolvem suas publicações. Caracterizado por Lajolo e Zilberman como “Primo rico das Editoras”, o livro didático é objeto muito cobiçado por, segundo Corrêa (2002), unir interesses privados e do governo, o que o fez ser, provavelmente, o material escolar que mais sofreu influências das normas de mercado. É entendendo o livro didático como mercadoria que este artigo traz como objetivo, traçar, em linhas gerais, questionamentos que proporcionem reflexão em torno do porquê da escolha de livros didáticos de História – referente ao PNLD 2012. Além de relacionar as coleções distribuídas para o Ensino Médio e os dados fornecidos pelo PNLD acerca das mesmas. Para tanto, utilizaremos as informações disponibilizadas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, o Guia do Livro Didático do PNLD 2012 e várias coleções deste programa, às quais tivemos acesso através do acervo bibliográfico do Laboratório de Ensino de História, vinculado ao Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas. A partir dos dados analisados, foi possível concluir que há confrontos entre a avaliação do Guia do Livro Didático fornecido pelo PNLD e a escolha feita pelos professores de História. Diante disso, apontamos duas possíveis visões sobre este quadro: Os docentes que escolheram coleções com qualidades gráficas superiores e que obtiveram um mau resultado na avaliação do PNLD em termos de conteúdo podem tê-lo feito por discordarem dessa avaliação e sustentarem uma opinião didático-pedagógica distinta. No entanto, é possível também que os atrativos gráficos e autores renomados de uma coleção pesem na escolha dos livros didáticos pelos docentes.

Palavras-chave: livro didático, editoras, pnld, mercado.

## **Introdução**

O mercado de livros didáticos no Brasil e a presença majoritária de algumas grandes editoras na lista de obras aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e escolhidas pelos professores da rede pública, têm sido temas bastante abordados atualmente. O PNLD é um dos programas de livros didáticos mantidos pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) que, por sua vez, seria uma “autarquia que promove recursos e executa ações na área educacional, com o intuito de garantir educação de qualidade” (OLIVEIRA, 2009, p. 3). A partir da segunda fase do PNLD, o programa fornece, em todas as suas edições, o Guia do Livro Didático; manual no qual as coleções da disciplina de História aprovadas são avaliadas em seis critérios – manual do professor; metodologia da História; metodologia do ensino-aprendizagem; cidadania; História da África, dos afrodescendentes e dos indígenas; e projeto editorial.

Diante disso, este artigo visa apontar alguns questionamentos que proporcionem reflexão em torno dos motivos da escolha de livros didáticos de História por parte dos professores – referente ao PNLD/2012. O artigo também intenciona relacionar as coleções distribuídas para o Ensino Médio e os dados fornecidos pelo Guia do Livro Didático do ano de 2012 acerca das mesmas.

O recorte que fazemos em relação ao PNLD/2012 se justifica por ser uma data recente, e portanto, possibilitar maior relação com a problemática que se apresenta na atualidade. Além disso, um grande número de exemplares de livros didáticos referentes ao PNLD do ano de 2012 estão disponíveis no Laboratório de Ensino de História (LEH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); o que possibilitou metodologicamente a pesquisa. Foi possível observarmos as coleções: História Global Brasil e Geral; Das Cavernas ao Terceiro Milênio; História Geral e do Brasil; Conexões com a História; História em Movimento; A Escrita da História; e História: Cultura e Sociedade.

Ao analisar os dados, chegamos a algumas percepções, como o fato de que os livros mais escolhidos pelos professores não condizem, necessariamente, com os de melhor avaliação de conteúdo pelo programa; embora condiga – no geral – com os de melhor avaliação no quesito “projeto editorial”.

Partindo desta questão, levantamos alguns questionamentos em torno do tema: além do conteúdo escolar e método didático-pedagógico, quais outros critérios influenciam a escolha dos docentes? Teria o apelo estético do livro um papel relevante? Os professores que

escolheram coleções cuja avaliação do PNLD não foi tão boa em termos de conteúdo, discordam dessa avaliação? A escolha destas coleções se deu apenas devido a visões teóricas, metodológicas ou pedagógicas diferentes?

### **O Livro Didático como mercadoria**

A partir de 1985, ano de criação do PNLD, a produção e distribuição de livros didáticos cresceram substancialmente no Brasil. Segundo Cassiano (2005) o PNLD apresentou relevantes modificações em relação ao Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF) que estava em vigor anteriormente, entre elas o término da compra do livro descartável e a distribuição de forma gratuita às escolas públicas com verba do Governo Federal. No entanto, a mesma autora aponta que

A intenção governamental, porém, de contemplar os alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries com o recebimento dos livros didáticos só seria concretizada em 1996 [...] Nesse ano, o governo, que até então mantivera o papel de comprador e distribuidor de livros didáticos, constitui uma comissão pra analisar a qualidade dos conteúdos. [...] Este estudo demonstrou que o MEC vinha comprando e distribuindo para a rede pública de ensino livros didáticos com erros conceituais, preconceituosos e desatualizados no tocante aos conteúdos. Como consequência, a partir de 1996, o MEC passou a submeter os livros didáticos a uma avaliação prévia, cujos resultados são divulgados nos *Guias de livros didáticos* [...] (CASSIANO, 2005, p. 285).

O fato é que o PNLD fez com que os investimentos na compra de livros didáticos fossem significativos o suficiente para transformá-lo no maior programa nacional de livros didáticos do mundo. Nesse sentido, a lógica de mercado – que está, em vários contextos, ligada ao livro didático, por este se tratar, acima de tudo, de uma mercadoria – passa a ser um aspecto cada vez mais passível de estudo. Höfling (2000), pesquisando os aspectos mercadológicos que caminham junto à produção de livros didáticos, preocupa-se com o fato de que entre 1985 e 1991 apenas sete editoras, todas elas de São Paulo, tenham arrecadado R\$ 109.361.922,85 representando 90% dos gastos estatais para este fim.

Passaram, também, a ser alvo de estudos as diferentes posições que o Estado pode representar neste jogo de interesses, sejam eles capitalistas ou educacionais. O Estado passa a ter papel de gestor e ao mesmo tempo de consumidor deste imenso capital que cerceia a produção, venda e entrega de livros didáticos. Cabe ressaltar também que o livro didático traz consigo uma peculiaridade que o torna uma mercadoria altamente cobiçada: é, ao mesmo tempo, objeto essencial para a educação brasileira e representa um mercado bilionário e que desde seu início foi bastante disputado. Deste modo, “as políticas do livro escolar mantiveram conectados os interesses estatais aos privados” e, compreender tais relações “é admitir que o

formato desse elemento da cultura escolar não é natural e, por essa razão, desprovido de intencionalidades mercantilistas” (CORRÊA, 2002, p. 22).

Os livros didáticos passaram a ser produzidos aos milhões e constituem atualmente boa parte do lucro das editoras no território brasileiro. Existem estudos que apontam “com ressalvas a constância da parceria do MEC desde o início do PNLD com as mesmas editoras de didáticos, sendo que estas atendem ao governo de forma recorrente, apenas com pequenas alterações em sua posição” (CASSIANO, 2005, p. 289). Em relação ao lucro e a constância de editoras citadas, a mesma autora entende que:

[...] a indústria dos didáticos representa, em média, 54% da indústria nacional; em 1998, dos 369 milhões de livros produzidos 244 milhões referiram-se a livros didáticos, cujo segmento é o mais concentrado, ou seja, com o menor número de editoras (Ática, Scipione, FTD, Saraiva e Moderna) (CASSIANO, 2005, p. 287).

Na mesma obra, a autora aborda a existência dos grupos editoriais e a participação de editoras internacionais no mercado nacional. Excluindo as editoras FTD e Brasil, a autora aponta que constituem grupos as editoras: “a) IBEP/Nacional, constituída como grupo, continua sendo nacional, ao menos até 2006; b) Saraiva/ Atual; c) Ática/ Scipione, pertencentes ao Grupo Hachette; d) Moderna, pertencente à Santillana” (CASSIANO, 2005, p. 300). E aponta que apesar desta estrutura, os nomes das editoras, no ano de 2006, continuam os mesmos, ignorando qualquer mudança.

Juntamente a estas questões citadas, a dimensão mercadológica do livro didático tem sido amplamente abordada. Intitulado de “primo rico das editoras” (ROBALLO, 2012, p. 1), o material tem, cada vez mais, se constituído de conteúdo imagético e design rebuscado. Prova disto é que além do conteúdo teórico criado pelo autor, na contracapa encontramos profissionais como: Editores e Coordenadores de Arte, Pesquisadores Iconográficos, Tratadores de Imagem e Coordenadores de Design e Projeto Visual.

Circe Bittencourt aponta:

A análise da capa sempre fornece indícios interessantes, desde suas cores e ilustrações até o título e as informações sobre as vinculações com as propostas curriculares. É comum encontrar na capa dos livros as indicações sobre eles “estarem de acordo” com tal ou qual proposta curricular – nos tempos mais recentes, com os PCN. Tais afirmações da editora nem sempre se confirmam no interior da obra. A qualidade do papel e das reproduções, a quantidade e disposição das ilustrações nas páginas fazem parte desse aspecto mercadológico do livro. As primeiras páginas possibilitam uma visão do processo de sua fabricação, com a apresentação dos agentes que participaram de sua confecção: editor, gráficos, ilustradores ou pesquisadores de materiais iconográficos, revisores de texto ou copidesques, etc. Essa materialidade é importante para que se possa entender o conjunto de sujeitos que interferem na obra e como essa interferência influencia na leitura do texto, incluindo a forma pela qual a página apresenta as informações –

boxes, uso de itálicos e/ou negrito para termos ou conceitos básicos – e as variadas ilustrações, coloridas ou não (BITTENCOURT, 2011, p. 312).

Tais questões são contemporâneas ao já citado alto investimento governamental na compra de livros – no PNLD de 2012, sobre o qual este artigo trata, o investimento em livros didáticos, de acordo com dados estatísticos disponibilizados pelo FNDE (ver referências), foi de cerca de R\$ 1.327,000,00 sendo destes R\$ 883,000,00 referente ao Ensino Médio (Regular e EJA) – e ao conjunto de normas que permeiam o Programa Nacional do Livro Didático. Bittencourt aponta que os livros didáticos tem se adaptado ao referencial do PNLD, pois “são produzidos em formas de coleções, que se destinam às diferentes séries [...] e obrigatoriamente apresentam o *livro do aluno* e o *livro do professor*” (BITTENCOURT, 2011, p. 308). Outro aspecto abordado pela autora é o de que o Livro Didático deve ser compreendido

Como produto cultural fabricado por técnicos que determinam seus aspectos materiais, o livro didático caracteriza-se, nessa dimensão material, por ser uma mercadoria ligada ao mundo editorial e à lógica da indústria cultural do sistema capitalista. [Na mesma obra, a autora dá sequência] Enquanto mercadoria, insere-se na lógica de venda e requer definições sobre preço e formas de consumo. Trata-se de livro cujo destinatário principal é o professor, sujeito que decide sobre sua compra e formas de utilização. [...] O livro, como mercadoria, obedece a critérios de venda, e por essa razão as editoras criam mecanismos de sedução junto aos professores. [...] A qualidade do papel e das reproduções, a quantidade e disposição das ilustrações nas páginas fazem parte deste aspecto mercadológico do livro (BITTENCOURT, 2011, p.301/312).

Portanto, é possível visualizar, durante um curto período de tempo, algumas mudanças no design das coleções, que estão a cada ano mais munidas de beleza gráfica; cores vibrantes; imagens com altíssima qualidade de impressão; “caixas” coloridas nas páginas com curiosidades, glossários, produções acadêmicas, entre outros. Por exemplo, a coleção *História Sociedade e Cidadania*, de autoria de *Alfredo Boulos Júnior*, traz, em 2006, as legendas das imagens dispostas ao lado das mesmas, apenas com a fonte em negrito e em itálico; em 2012 a mesma coleção traz as legendas em “caixas” – de um tom de amarelo muito vivo – que por vezes sobrepõem as próprias imagens criando, assim, um efeito diferenciado.

Modificações deste tipo favorecem este processo que amplifica cada vez mais a dimensão mercadológica do livro didático, privilegia as editoras poderosas no que diz respeito ao mercado brasileiro, em detrimento das editoras menores que não tem condições de se adequarem – ao menos tão rapidamente – às novas proposições. Este jogo de poder – econômico e político –, embora seja opressor em alguns aspectos; não deixou de trazer benefícios para o processo de ensino aprendizagem. É claro que uma melhor disposição do texto e artifícios que chamam a atenção do aluno para o material podem ser vistos de uma

maneira bastante positiva. Sobre estas diferentes facetas, positivas e negativas, das relações de poder, Foucault aponta:

É preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: ele ‘exclui, ele ‘reprime’, ele ‘recalca’, ele ‘censura’, ele ‘abstrai’, ele ‘mascara’, ele ‘esconde’. De fato, o poder produz; ele produz real; produz domínios de objetos e rituais de verdade (FOUCAULT, 1986, p. 16).

O papel das editoras, para além disso, está também nas estratégias de marketing para divulgação do material. Cassiano aponta que as grandes editoras se valem de equipes de divulgadores e doam o material didático para as instituições escolares. Além disso “se valem também das seguintes estratégias: distribuição de folders promocionais, um corpo de assessoria composto por professores universitários, além de palestras com os próprios autores”. (CASSIANO, 2005) A autora exemplifica essa questão, intimamente ligada ao já mencionado predomínio de algumas editoras:

No PNLD/2002, para a cidade de São Paulo, conforme Cassiano (2003), temos 96,7% dos livros vendidos pelas editoras Saraiva/Atual, FTD, Ática/Scipione, IBEP/Nacional, Moderna e Brasil, todas com práticas de divulgação bastante incisivas com prioridades à colocação do livro na escola. As editoras Nova Geração, Módulo, UFG, Dimensão e Lê, mesmo com os livros referenciados no Guia de Livros Didáticos e alguns bem-avaliados, obtiveram juntas apenas 3,3% do total de vendas, sendo que a sede da maioria delas não se localiza em São Paulo. (CASSIANO, 2005, p. 306/307)

### **O PNLD/2012 e o Acervo do Laboratório de Ensino de História (LEH)**

Um dos objetivos do presente artigo, intenciona relacionar as coleções distribuídas para o Ensino Médio em 2012 e os dados fornecidos pelo PNLD acerca das mesmas. Este processo está acontecendo no LEH, que é vinculado ao Departamento de História da UFPel. O acervo do LEH conta com cerca de 1000 exemplares de Livros Didáticos de períodos distintos – há material do final do século XIX até os dias atuais – e destinados para todos os anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Devido à dimensão do acervo, foi possível ter acesso a 7 das 12 coleções mais distribuídas para alunos de Ensino Médio pelo PNLD/2012.

O trabalho de investigação no laboratório, apoiado em dados fornecidos pelo MEC/FNDE, fez com que esta pesquisa – mesmo que ainda em andamento – já chegasse a alguns resultados e levantasse algumas hipóteses. Uma primeira constatação é a de que o PNLD/2012 não diferiu do PNLD de outros anos em termos de editoras cujas coleções foram mais distribuídas. Por exemplo, no PNLD 2011 (Ensino Fundamental e Médio) cinco editoras – Saraiva, Moderna, Ática, FTD e Scipione <sup>1</sup>– foram responsáveis pela produção de

---

<sup>1</sup> Optamos por separar os dados das editoras Ática e Scipione, embora ao supracitado pertencimento de ambas ao grupo Hachette, para acompanharmos o critério utilizado pelo PNLD 2012.

119.864.719 de um total de 135.669.202 livros didáticos adquiridos. Ao passo que outras 15 editoras produziram os 15.804.483 livros didáticos restantes. No caso aqui estudado – PNLD 2012 – as cinco editoras supracitadas produziram 8 dos 9 títulos mais distribuídos.<sup>2</sup>

Outra questão importante é que as coleções mais bem avaliadas pelo Guia dos livros didáticos de História (Ensino Médio) do PNLD/2012 não correspondem, necessariamente, àquelas mais distribuídas pelo programa. Conforme citamos anteriormente, o programa avalia as coleções em seis critérios, sendo eles: Manual do Professor; Método da História; Método Ensino-Aprendizagem; Cidadania; História da África, dos afrodescendentes e dos indígenas e Projeto Editorial. Fica visível que, com exceção do item Projeto Editorial, os demais são restritos à qualidade do conteúdo do material.

O quadro 1 a seguir, apresenta essa avaliação que consta no Guia dos livros didáticos de História (Ensino Médio) do PNLD/2012 junto a legenda: “A intensidade da cor indica o resultado da avaliação: quanto mais intensa a tonalidade, maior a capacidade da coleção de extrapolar os critérios estabelecidos no Edital” (BRASIL, 2011, p. 22-23) Ficamos em dúvida em relação ao termo “extrapolar” que poderia ter conotação tanto negativa quanto positiva; porém, ao buscar no *Guia dos Livros Didáticos* de PNLD’s mais recentes a expressão “extrapolar os critérios” foi substituída por “maior capacidade de a coleção cumprir os critérios estabelecidos no edital.”

---

<sup>2</sup> Maiores informações a respeito da distribuição de livros do PNLD 2012 nos quadros 2 e 3 deste mesmo trabalho.

Código	Coleção	Manual Professor	Met. da História	Met. ensino-aprend.	Cidadania	História da África, dos afrodescendentes e das indígenas	Projeto editorial
25024COL06	A ESCRITA DA HISTÓRIA						
25188COL06	CAMINHOS DO HOMEM						
25047COL06	CONEXÕES COM A HISTÓRIA						
25061COL06	ESTUDOS DE HISTÓRIA						
25094COL06	HISTÓRIA						
25022COL06	HISTÓRIA - DAS CAVERNAS AO TERCEIRO MILÊNIO						
25097COL06	HISTÓRIA EM DEBATE						
25098COL06	HISTÓRIA EM FOCO						
25099COL06	HISTÓRIA EM MOVIMENTO						
25100COL06	HISTÓRIA GERAL E BRASIL						
25101COL06	HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL						
25102COL06	HISTÓRIA GLOBAL – BRASIL E GERAL						
25104COL06	HISTÓRIA SEMPRE PRESENTE						
25105COL06	HISTÓRIA TEXTO E CONTEXTO						
25077COL06	HISTÓRIA: CULTURA E SOCIEDADE						
25129COL06	NOVA HISTÓRIA INTEGRADA						
25132COL06	NOVO OLHAR – HISTÓRIA						
25140COL06	POR DENTRO DA HISTÓRIA						
25171COL06	SER PROTAGONISTA						

Legenda (-) (+)

Quadro 1 – Qualificação das coleções de História do PNLD 2012. Fonte: Guia dos livros didáticos de História (Ensino Médio) do PNLD/2012.

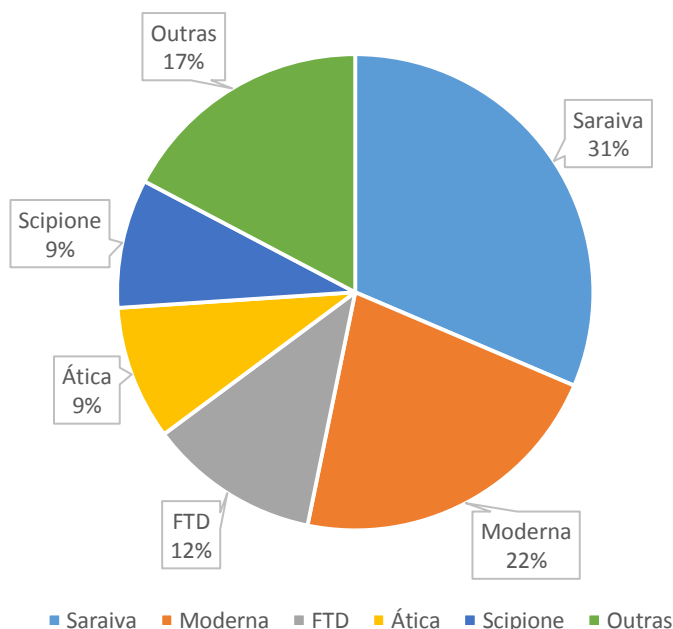
Para complementar o cruzamento de dados, criamos os seguintes quadros:

Colocação	Coleção	Editora	Livros distribuídos
1º	História Global Brasil e Geral	Saraiva	1.921.938
2º	Das Cavernas ao Terceiro Milênio	Moderna	1.310.521
3º	História	Saraiva	963.970
4º	História Geral e do Brasil	Scipione	792.958
5º	Conexões com a História	Moderna	788.712
6º	Ser Protagonista História	Edições SM	728.953
7º	História em Movimento	Ática	709.149
8º	Novo Olhar História	FTD	631.840
9º	Estudos de História	FTD	322.445
10º	A Escrita da História	Edições Escala Educacional	303.935
11º	Caminhos do Homem	Base Editorial	212.321



12º	História: Cultura e Sociedade	Editora Positivo	175.295
13º	História em Foco	Ática	168.642
14º	História Sempre Presente	FTD	164.973
15º	História Geral e Brasil	Saraiva	139.132
16º	Por Dentro da História	Edições Escala Educacional	117.831
17º	Nova História Integrada - História Para o Ensino Médio	Módulo Editora e Desenvolvimento Educacional	69.451
18º	História em Debate	Editora do Brasil	56.718
19º	História Texto e Contexto	Scipione	41.758

Quadro 2 – Lista de coleções (História, Ensino Médio) distribuídas no PNLD 2012



Quadro 3 – Gráfico – Coleções (História, Ensino Médio) distribuídas no PNLD 2012 por editora

Durante a organização dos quadros acima, visualizamos alguns aspectos a partir dos quais procuraremos levantar indagações ou até mesmo tecer hipóteses explicativas que nos permitam vislumbrar quais são os fatores de influência na escolha dos livros didáticos pelos docentes. Como citado anteriormente, é inegável o domínio por parte de cinco editoras – Saraiva, Moderna, Ática, FTD e Scipione – que juntas representam 83% das produções adquiridas pelo governo no PNLD de 2012. Mas, saindo desta visão geral de editoras – é claro, sem desconsiderá-la – e partindo para a análise de cada obra, outras constatações podem ser levantadas. Algumas contradições aparecem ao comparar os quadros; neste momento daremos atenção especial à duas delas:

a) *História em Movimento* da editora Ática foi a coleção que obteve melhor resultado na avaliação do PNLD, recebendo a maior nota em dois itens fundamentais: Cidadania e Método Ensino-Aprendizagem. Apesar disto, está em 7º lugar na lista das coleções mais distribuídas;

b) A coleção mais solicitada foi *História Global Brasil e Geral*, da editora Saraiva, tendo sido, entre todas as coleções recomendadas, uma das que recebeu maiores ressalvas. Ocorre que as coleções *História: Cultura e Sociedade*, da Editora Positivo; *História em Foco*, da Editora Ática e *História Sempre Presente*, da Editora FTD, foram recomendadas da mesma forma – na realidade, exatamente empatadas nos critérios de avaliação – e ocupam, respectivamente, 12º, 13º e 14º lugar na lista dos mais vendidas.

*A priori*, poderíamos pensar na qualidade gráfica e de design do livro como um ‘critério de desempate’ normal, tendo em vista coleções que obtiveram resultados semelhantes no critério de avaliação realizado pelo PNLD e foram mais vendidas do que livros com mesma qualidade de conteúdo porém com projetos editoriais mais simples. No entanto, os quadros aqui mostrados evidenciam casos com extrema divergência: uma das coleções com pior desempenho na avaliação de seu conteúdo ter sido a mais vendida. Há, nitidamente, um processo de discordância entre a opinião dos docentes e o critério de avaliação do PNLD. Resta-nos procurar perceber quais fatores fomentaram esse resultado distinto e se a qualidade gráfica e de design do livro influencia em tais escolhas.

Para exemplificar voltaremos aqui à coleção *História Global Brasil e Geral*, da Editora Saraiva. Tendo em mãos esta coleção, pois consta no acervo do LEH, foi possível observar que muitas imagens aparecem ocupando duas páginas, e raras são as páginas que não apresentam mapas ou ilustrações. Os já mencionados “quadros/boxes coloridos” aparecem com tabelas; atividades relativas aos mapas, imagens, textos e glossários. Se trata de uma coleção que possui uma composição gráfica atrativa aos olhos do leitor. Algumas das outras coleções não apresentam as mesmas características, como *A Escrita da História* que é avaliada pelo *Guia do Livro Didático* com grandes ressalvas: “A disposição dos quadros/boxes interrompe, por vezes, a narrativa do texto principal e pode dificultar a fluência da leitura. Títulos e subtítulos não são destacados de forma clara e desfavorecem a percepção de uma hierarquia entre eles” (PNLD, 2012, p. 40).

Há outras coleções com os mesmos pontos fortes em termos de projeto editorial, como é o caso da *História em Movimento* da Editora Ática que recebeu qualificação ainda

maior do que *História Global Brasil e Geral* neste quesito. Há também casos de edições não tão bem avaliadas pelo PNLD neste ponto, mas que estão entre as mais distribuídas, como a *Conexões com a História*, da editora Moderna.

Esta ocasional disparidade entre as avaliações de forma e conteúdo das coleções e a distribuição das mesmas nos levou a duas linhas de pensamento, a primeira foi questionar o uso do *Guia do Livro Didático* pelo professor, sobre o qual Patrícia Simões comenta:

Batista (2004) fez um levantamento de declarações de professores a respeito do processo de escolha desenvolvido em 2000, no quadro do PNLD/2001 e das condições mais gerais em que se realizou. Os principais resultados do estudo indicam que: os livros foram escolhidos predominantemente por meio de processos coletivos; um percentual expressivo de escolhas parece ter-se dado em âmbito municipal, não sendo possível apreender o grau de participação dos docentes e descentralização das decisões; um desconhecimento total ou parcial pelos professores a respeito do processo de avaliação realizado pelo MEC; apenas um pequeno percentual de professores afirmou ter utilizado o Guia de Livros Didáticos para a escolha do livro, a maioria prefere analisar os próprios livros didáticos para a tomada de decisão (SIMÕES, 2001, p. 2).

Munakata (2012), ao abordar a escolha de livros didáticos pelos docentes, evidencia a falta de autonomia e dificuldades dos docentes no processo e elenca alguns fatores que comprovam esta situação. O Guia do Livro Didático restringe a escolha do professor, não é entregue com a antecedência que seria necessária para um estudo mais aprofundado e, além disso, explana seus pareceres de modo subjetivo, não se constituindo ferramenta capaz de dispensar o manuseio da obra original como método de escolha. Assim, apontamos: visto que as grandes editoras têm a possibilidade de enviar a obra com antecedência para diversas escolas, isto pode configurar uma vantagem em relação às editoras menores e estar diretamente ligado à alta incidência de Saraiva, Ática, Scipione, Moderna, etc. nas coleções mais escolhidas pelos docentes no PLND.

A outra linha de pensamento, foi o questionamento de quais outros critérios levariam o professor a escolher seu material, além dos já citados. Devido a experiência de trabalho no acervo do LEH, podemos colocar em pauta a dimensão da produção de Gilberto Cotrim, autor da coleção mais distribuída pelo PNLD/2012 para o Ensino Médio. O LEH tem em torno de 60 exemplares deste autor, distribuídos em um período de 28 anos; Gilberto Cotrim é, sem dúvida, o autor com mais livros no acervo e também o autor cujos títulos compreendem um maior período. Sendo assim, também levantamos a hipótese de que o autor seja parte importante no processo de escolha dos livros didáticos.

## **Considerações finais**

É claro que os docentes tem autonomia, além de terem, em nossa opinião, o dever de escolherem seus livros de acordo com seus métodos didático-pedagógicos e, inclusive, exercem um papel muito importante, quando discordam ou criticam as coleções aprovadas pelo PNLD, contribuindo diretamente na eficácia desse processo de avaliação. No entanto, o que procuramos evidenciar foi a possível influência de critérios além do conteúdo escolar e pedagógico na escolha do livro didático pelos docentes. Critérios de apelo mercadológico como os de qualidade gráfica, de design e até mesmo do autor.

Os docentes que, por exemplo, escolheram coleções com qualidades gráficas superiores e que obtiveram um mau resultado na avaliação do PNLD em termos de conteúdo, discordam dessa avaliação e escolheram tais obras somente por uma opinião didático-pedagógica distinta? Quanto os atrativos gráficos e autores renomados de uma coleção pesam na escolha dos livros didáticos pelos docentes da rede pública de ensino? Diante do exposto, acreditamos que as questões supracitadas podem ser, de alguma maneira, elucidadas futuramente através de entrevistas e observação junto aos docentes. Esta pesquisa poderia, inclusive, possibilitar descobertas de outros critérios utilizados pelos professores na escolha dos livros didáticos. Tendo em vista que “o livro escolar, ao fazer parte da cultura da escola, não integra essa cultura arbitrariamente. É organizado, veiculado e utilizado com uma intencionalidade, já que é portador de uma dimensão da cultura social mais ampla” (CORREA, 2000, p. 19).

## **Referências Bibliográficas**

BRASIL. **Guia de Livros Didáticos PNLD 2012: História**. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica, 2011.

BRASIL. **Dados estatísticos PNLD 2012**. Brasília: Ministério da Educação / Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, 2013. Disponível para download em: <<http://www.fnde.gov.br/arquivos/category/125-guias?download=9160:pnld-2012-colecoes-mais-distribuidas-por-componente-curricular>>. Acesso em: 17 maio 2014.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Reconfiguração do mercado editorial brasileiro de livros didáticos no início do século XXI: história das principais editoras e suas práticas comerciais. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 11, n. 2, dez., 2005

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. **Cadernos Cedes**. Campinas, ano XX, n. 52, nov., 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização/Tradução: Roberto Machado. 6.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

HÖFLING, Eloísa de Mattos. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. **Educação e Sociedade**. v. 21, n. 70, abr. 2000.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisas. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, v. 12, n. 3 (30), p.179-197, set./dez., 2012.

OLIVEIRA, Luciano de. Programa Nacional do Livro Didático (PNLD): aspectos históricos e políticos. In: **17º Congresso de Leitura do Brasil – Faepex – Universidade Estadual de Campinas**. Campinas, 2009.

**PORTAL DO FNDE: Dados estatísticos de anos anteriores**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/3010?Itemid=1296>>. Acesso em: 17 maio 2015.

ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges. A produção de manuais de História da Educação a partir de 1930 no Brasil: Problematizando os elementos que estruturam e organizam os objetos para subsidiar os cursos de formação de professores. In: **Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPED SUL**. Caxias do Sul, 2012.

SIMÕES, Patrícia Maria Uchoa. Avaliação do Programa Nacional do Livro Didático. In: **Anais do 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste**. Maceió, s/ed., 2001.